

PONTOS DE DIÁLOGO ENTRE OS TEXTOS *O PROBLEMA DO CONTEÚDO, DO MATERIAL E DA FORMA NA CRIAÇÃO LITERÁRIA* E *OS GÊNEROS DO DISCURSO*, DE M. M. BAKHTIN: ALGUMAS POSSIBILIDADES DE APLICAÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUAS

FRANCISCO DE FREITAS LEITE*

PATRÍCIA GOMES DE MELLO**

EDSON SOARES MARTINS***

RESUMO

Este artigo trata de relações dialógicas que podem ser estabelecidas entre os textos *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária* e *Os gêneros do discurso*, ambos de autoria de M. M. Bakhtin. O foco da reflexão é o entendimento de que as noções de conteúdo, material e forma (do primeiro texto) são, respectivamente, úteis à compreensão das noções de tema, estilo e composição (do segundo texto) e relevantes aos professores que trabalham com ensino/aprendizagem de línguas com base na perspectiva teórica do Dialogismo.

PALAVRAS-CHAVE: estética geral, gêneros do discurso, análise dialógica de enunciados, diálogos didáticos.

1. INTRODUÇÃO (DIRECIONANDO O PONTO DE VISTA)

Neste trabalho, a temática abordada tem o foco voltado aos interesses de professores tanto da educação básica quanto da educação

* Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil. Professor adjunto na Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato, Ceará, Brasil. E-mail: freitas_leite@hotmail.com

** Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil. Pesquisadora no Núcleo de Estudos de Teoria Linguística e Literária (NETLLI-DGP/CNPq), Crato, Ceará, Brasil. E-mail: pathy.gomes13@gmail.com

*** Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil. Professor adjunto na Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato, Ceará, Brasil. E-mail: edsonmartins65@hotmail.com

superior, sobretudo aos que trabalham com ensino/aprendizagem de línguas na perspectiva teórica dos gêneros do discurso.¹

Sabendo que *Os gêneros do discurso* é um rascunho (um texto, portanto, inacabado) de um projeto que Bakhtin tinha (mas que não foi realizado), para as décadas de 1950 e 1970, de escrever uma obra maior sobre gêneros do discurso, entendemos que os professores que pretendem se aprofundar na teoria dos gêneros (ou que já trabalham com ela) não devem se restringir tão somente àquele texto. Outros escritos do Círculo de Bakhtin tratam direta ou indiretamente desta temática, mas aqui, neste artigo, iremos nos restringir a tratar do que o texto *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária* pode trazer de esclarecimentos ou complementos conceituais ao texto *Os gêneros do discurso*.

O texto *Problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária* foi escrito por Bakhtin entre 1923 e 1924 com a intenção de ser publicado em uma revista russa que fechou antes de publicá-lo. É um texto da primeira fase de produção de Bakhtin (década de 1920) que pode ser entendido como parte – juntamente com *Arte e responsabilidade*, *Para uma filosofia do ato* e *O autor e o herói na atividade estética* – de um projeto inicial que este pensador russo tinha de escrever uma obra fundamentalmente filosófica que trazia as bases de uma *prima philosophia* que continha também a proposta de uma estética geral (FARACO, 2009, p. 96).

É um dos textos de Bakhtin mais fáceis de ser lidos pelo fato de ter sido organizado e revisado pelo próprio autor para publicação, entretanto não significa dizer que ele não traga trechos de difícil compreensão, sendo que muitas das dificuldades se dão por conta de que o texto apresenta “uma temática e uma abordagem que ainda estavam em processo de construção” (FARACO, 2009, p. 97) na década de 1920.

Apesar das dificuldades do texto, “há também muitos elementos claramente expostos e que são fundamentais não só para compreender o conjunto do pensamento bakhtiniano, mas também para sustentar estudos de estética e Poética ou *iluminar estudos de manifestações verbais gerais*” (FARACO, 2009, p. 97, grifo nosso).

Neste texto, encontramos várias temáticas, conceitos e noções que são comuns ao pensamento bakhtiniano no seu todo e presentes (algumas vezes com sutis modificações) também em outros escritos, tais como:

1. uma oposição ao formalismo russo (que Bakhtin chama, em *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária*, de estética material), sobretudo pelo fato de aqueles formalistas separarem poética e estética; separação que Bakhtin considera “metodicamente imprecisa” (BAKHTIN, 2010a, p. 15);
2. o ato estético como apropriação do cognitivo e do ético, com reordenação e acabamento (FARACO, 2009, p. 98);
3. a distinção entre a linguagem verbal em si, estudada pela Linguística, e a linguagem verbal situada, o enunciado concreto, alvo de interesse da “estética da obra literária” (BAKHTIN, 2010a, p. 50) e estudada pela Metalinguística/ Translinguística, nos termos propostos em *Problemas da Poética de Dostoiévski*;
4. ampliação da noção de forma artística em dois planos: *arquitetônico* e *composicional* (BAKHTIN, 2010a, p. 23-24);
5. distinção entre *artefato* e *objeto estético*, que é muito semelhante a outras distinções encontradas noutros escritos não só de Bakhtin, mas do Círculo de Bakhtin como um todo, tais como *istina* vs. *pravda*² sinal vs. signo³, significação vs. Tema⁴, oração vs. enunciado concreto⁵, instrumento de produção vs. objeto ideológico⁶;
6. a opção por uma *prima philosophia* axiológica e não ontológica (FARACO, 2009, p. 100).
7. a temática da tríade *cognição* (ciência), *ética* (vida) e *estética* (arte) e a questão das fronteiras – o “*estar-entre*” (FARACO, 2009, p. 101).

Na primeira parte de *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária*, intitulada *Crítica da arte e estética geral*, Bakhtin apresenta já duas teses que estarão na base de todas as suas discussões seguintes. A primeira se refere ao formalismo russo (e

estendida aos críticos de arte e aos artistas que a ele estavam ligados), que, segundo Bakhtin, falha por não se assentar numa estética geral filosófica⁷:

Felizmente, hoje já não é preciso polemizar de modo sério com a metafísica, e a independência que a poética pretende, assume um sentido bem outro, negativo, no caso, sentido esse que pode ser definido como uma pretensão de construir a ciência de cada arte em particular, independentemente do conhecimento e da definição sistemática estética na unidade da cultura humana. (BAKHTIN, 2010a, p. 15).

A segunda se refere à defesa de uma estética geral filosófica que deve embasar toda a arte, não metafísica ou ontologicamente, mas axiologicamente:

Sem uma concepção sistemática do campo estético, tanto no que o diferencia do campo do cognoscível e do ético, como no que o liga a eles na unidade da cultura, não se pode separar o objeto submetido a um estudo de poética – a obra de arte literária – da massa de obras escritas com palavras, mas de um outro gênero. (BAKHTIN, 2010a, p. 15).

Ideia esta reforçada várias vezes ao longo do texto, por exemplo, quando ele diz:

O conceito de estético não pode ser extraído da obra de arte pela via intuitiva ou empírica: ele será ingênuo, subjetivo e instável; para se definir de forma segura e precisa esse conceito, há necessidade de uma definição recíproca com os outros domínios, na unidade da cultura humana. (BAKHTIN, 2010a, p. 16).

Bakhtin (2010a, p. 17) chega a dizer que na falta de uma estética geral, os formalistas elegem a Linguística como sua substituta. Em seguida, delimita o espaço até onde deveria atuar a estética material (o formalismo):

Pode-se dizer que a estética material, como hipótese de trabalho, é inócua e, numa conscientização clara e metódica dos limites do seu emprego, pode até tornar-se fecunda, se for estudada apenas a técnica da obra

de arte, mas tornar-se-á evidentemente prejudicial e inaceitável quando, baseado nela, se tentar compreender e estudar a obra de arte como um todo, na sua singularidade e significação estética. (BAKHTIN, 2010a, p. 19).

Consideramos relevante destacar que, ainda na primeira parte de *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária*, Bakhtin enumera cinco erros (falhas) da estética material:

(1)

“A estética material não é capaz de fundamentar a forma artística” (BAKHTIN, 2010a, p. 19), justamente porque desconsidera o componente axiológico da forma e restringe a forma ao material (no caso das artes literárias, ao material linguístico).

(2)

“A estética material não pode estabelecer a diferença essencial entre o objeto estético e a obra exterior, entre a articulação e as ligações no interior deste objeto e as articulações e ligações materiais no interior da obra; por toda parte ela mostra uma tendência a misturar estes elementos” (BAKHTIN, 2010a, p. 21). Bakhtin distingue o objeto estético (de cunho arquitetônico e axiológico) da obra exterior (o artefato), que, no caso da arte literária, tem um material puramente linguístico, “aparato técnico da realização estética” (BAKHTIN, 2010a, p. 22).

(3)

“Nos trabalhos da estética material ocorre uma constante e inevitável confusão entre as formas *arquitetônicas* e *composicionais*; aliás, as primeiras jamais atingem a clareza de princípio ou a pureza de definição, e são subestimadas” (BAKHTIN, 2010a, p. 23). O trágico, o cômico e o lírico são formas arquitetônicas, já o romance, o drama e o soneto são formas composicionais. Mas, como adverte Bakhtin, não se deve “concluir que a forma arquitetônica existe em algum lugar sob um aspecto acabado e que pode ser realizada independente da forma composicional” (BAKHTIN, 2010a, p. 25).

(4)

“A estética material não é capaz de explicar a visão estética fora da arte” (BAKHTIN, 2010a, p. 26). Pela falta de uma correlação com o

conjunto da cultura em sua totalidade de significados (FARACO, 2009, p. 102), pela ausência do sujeito em seus postulados e por causa de sua propensão ao imanentismo.

(5)

“A estética material não pode fundamentar a história da arte” (BAKHTIN, 2010a, p. 26), justamente porque a estética material isola a arte da cultura e trabalha com técnicas isoladas destacadas da história.

O que nos propomos, todavia, a fazer neste artigo – pensando na “relação constitutiva entre metodologia e teoria no pensamento bakhtiniano” (BRAIT, 2013, p. 17) – é discorrer sobre algumas possibilidades de considerar as noções de conteúdo, material e forma (de *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária*) como sendo, respectivamente, próximas (em vários pontos teóricos e filosóficos) e, portanto, relevantes a uma compreensão mais minuciosa das noções de tema, estilo e composição (de *Os gêneros do discurso*), mesmo em se tratando de gêneros discursivos extraliterários (ou extra-artísticos), nos termos de uma estética geral de viés bakhtiniana. Passemos, em seguida, a tratar especificamente dessa questão.

2. AS NOÇÕES DE *CONTEÚDO*, *MATERIAL* E *FORMA* E SUAS RELAÇÕES COM AS DE *TEMA*, *ESTILO* E *COMPOSIÇÃO*

Para Bakhtin, conteúdo não se confunde com informações, ideias ou conceitos. Para ele, conteúdo é um conjunto de relações axiológicas constitutivas do plano estético que recorta e isola os atos (os elementos) éticos e cognitivos numa outra unidade de sentidos e valores (FARACO, 2009, p. 103).

Nas palavras do próprio Bakhtin:

Nós, de pleno acordo com o uso tradicional da palavra, chamamos de conteúdo da obra de arte (mais precisamente, do objeto estético) à realidade do conhecimento e do ato estético⁸, que entra com sua identificação e avaliação no objeto estético e é submetida a uma unidade concreta, intuitiva, a uma individualização, a uma concreti-

zação, a um isolamento e a um acabamento, ou seja, a uma formalização multiforme com a ajuda de um material determinado.

O conteúdo representa o momento constitutivo indispensável do objeto estético, ao qual é correlativa a forma estética que, fora dessa relação, em geral, não tem nenhum significado.

Fora da relação com o conteúdo, ou seja, com o mundo e os seus momentos, mundo como objeto do conhecimento e do ato ético, a forma não pode ser esteticamente significativa, não pode realizar suas funções fundamentais. (BAKHTIN, 2010a, p. 35).

Posto que o objeto estético, para Bakhtin, deve ser considerado arquitetonicamente e não apenas como uma obra exterior (ou um artefato), compreendemos que todo enunciado (seja ele pertencente a qualquer gênero do discurso) deve ser considerado em termos da arquitetônica da enunciação, isto é, nunca se levando em conta apenas os constituintes linguísticos, mas também, por exemplo, os sujeitos interagentes, a esfera de produção, circulação e recepção do discurso que engendra o enunciado.

Em *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária*, encontramos, entre outras, as seguintes passagens com definições de conteúdo: “O elemento ético-cognitivo [...] é o conteúdo. [...] É ao campo ético que pertence a primazia essencial do conteúdo” (BAKHTIN, 2010a, p. 39). Tais detalhes conceituais corroboram nossa compreensão de que a noção de conteúdo se coaduna com o conceito de tema⁹, apresentado no texto *Os gêneros do discurso* como “um *sentido concreto* – do conteúdo de um dado enunciado” (BAKHTIN, 2011, p. 291).

Tomamos, a título de exemplificação, o enunciado abaixo pertencente ao gênero tirinha:



Fonte: BATISTA (2015).

O conteúdo desse enunciado só pode ser considerado, em termos bakhtinianos, como sentido concreto se for levado em conta sua base ética, em que está alicerçado o cunho axiológico de sua produção de sentido. Dessa forma, o *conteúdo temático*¹⁰ da tirinha não é a pergunta de uma criança dirigida a outras crianças, mas uma crítica a uma forma de desigualdade existente em nossa sociedade capitalista ocidental dirigida, de forma bem humorada através de personagens infantis, às considerações dos adultos.

Em resumo, a noção de conteúdo (presente em *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária*) assim como a de tema (presente em *Os gêneros do discurso*), quando postas em cotejo, estão em paridade conceitual por se fundarem, em termos do pensamento bakhtiniano, em base ética e trazerem um cunho axiológico.

A propósito, os elementos éticos e axiológicos também integram as noções de estilo e de composição, não só a de tema. Essas noções, aliás, não se separam, isto é, estão integradas, formando o todo significativo que é um enunciado, nos termos sobre os quais discorreremos a seguir.

Segundo Faraco (2009, p. 104), “a forma do material não é apenas a da linguagem em si (da sua mera realização gramatical), mas a da linguagem *conquistada pelo autor-criador*, ou seja, o ato de se apropriar axiologicamente do material linguístico na perspectiva da composição e do conteúdo”. Esse material linguístico a que, em algumas passagens de *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária*, Bakhtin se refere com sendo *conquistado pelo subiectum esteticamente ativo*, deve ser considerado, em termos da Teoria dialógica, no âmbito do enunciado concreto e não da língua “apenas como aparato técnico” (isto é, palavras isoladas, fonemas, morfemas, orações e frases) a que Bakhtin chama “língua linguística” (BAKHTIN, 2010a, p. 48).

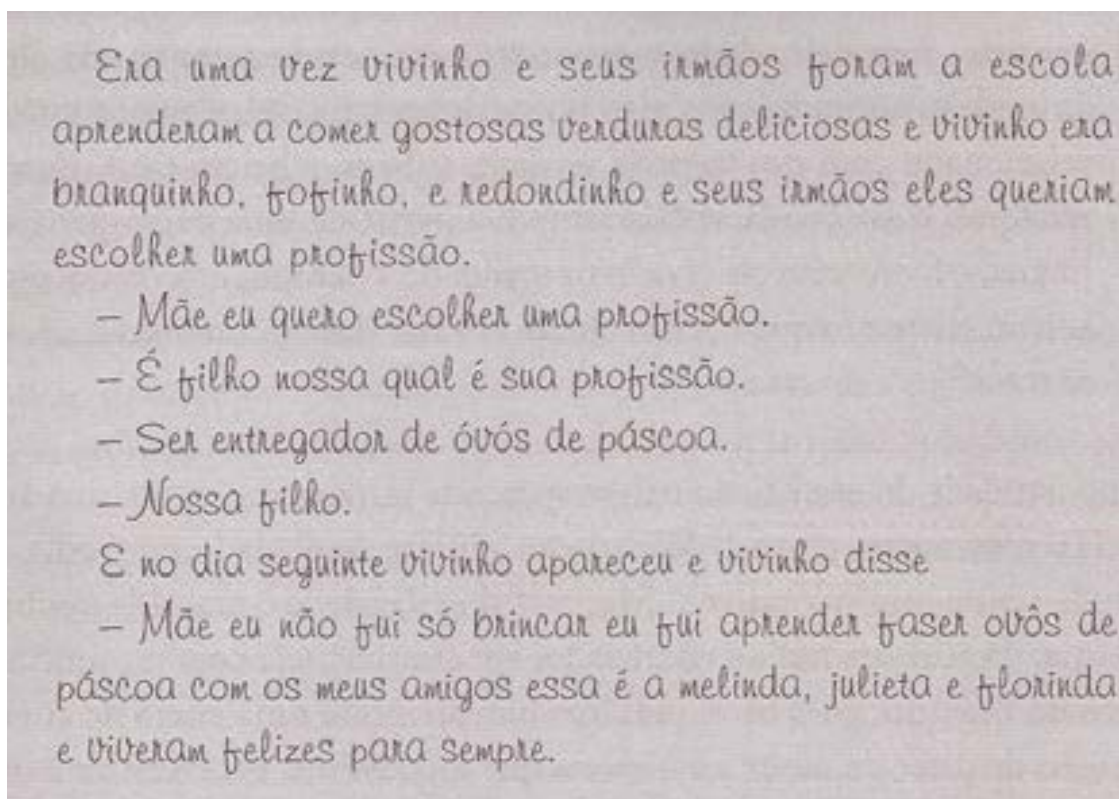
Nesse sentido, o material não se confunde com palavras e organizações sintáticas *de per si* (como formas linguísticas puras). O material tem para Bakhtin um sentido mais próximo da ideia de linguagem com sua “significação axiológica” (BAKHTIN, 2010a, p. 53) em um enunciado concreto.

Em *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária*, na seção que trata do *Problema do material*, Bakhtin (2010a, p. 46) diz que “um enunciado isolado e concreto sempre é

dado num contexto cultural e semântico-axiológico”, o que, a nosso ver, complementa sua definição de estilo (presente em *Os Gêneros do discurso*) como a “seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua” (BAKHTIN, 2011, p. 261). Desta forma, estilo (no pensamento bakhtiniano):

Não diz respeito tão somente às escolhas das palavras (com sua significação lexical) e aos recursos fraseológicos e gramaticais (fonéticos, fonológicos, morfológicos ou sintáticos) considerados apenas linguisticamente, pois sua raiz é sociocultural, portanto, axiológica; de modo que um estilo pode ser considerado, por exemplo, arcaico em um contexto e em outro não. (LEITE, 2014, p. 72).

Passamos, a seguir, a fazer algumas considerações didáticas sobre a noção de estilo, em perspectiva dialógica, a partir de um enunciado concreto produzido por uma criança em uma atividade escolar de reescritura do livro *O coelhinho que não era de Páscoa*, de Ruth Rocha, lido pelo professor:



Fonte: MENDONÇA; GRECCO (2014, p. 56).

Em outro contexto, ou seja, se o mesmo texto ocorresse como a materialização de outro enunciado concreto pertencente a outro gênero, por exemplo, se fosse o texto de um conto literário, talvez seu estilo pudesse soar como o de um escritor amador ou, na melhor das hipóteses, como um estilo excêntrico, mas, considerando-se que pertence ao gênero paráfrase da esfera didático-pedagógica, consideramos seu estilo como *escolar*, em que predomina a memória do estilo de outros gêneros familiares às crianças em idade escolar, tais como a fábula e o conto de fada, como podemos perceber pelo uso das expressões “Era uma vez” e “viveram felizes para sempre”, bem como pelo uso de rimas e do discurso direto (MENDONÇA; GRECCO, 2014).

Nesse sentido, o estilo (seja visto como característico de um autor específico ou de um determinado gênero) não deve ser pensado, na perspectiva da Teoria dialógica, a despeito do gênero do discurso, da esfera e dos sujeitos, pois o material que o constitui não são apenas palavras com suas significações lexicais ou construções morfossintáticas intralinguisticamente circunscritas, mas signos ideológicos (vivos) com seus valores extralinguísticos, isto é, situacionais.

Estilo, considerado em contiguidade à noção de material, deve ser entendido, portanto, como a concretização estilística de sentidos e valores éticos e axiológicos que ocorrem por meio de material verbal (e/ou visual, a depender do caso) em um enunciado concreto pertencente a um determinado gênero do discurso.

Tratando de forma, diz Bakhtin, em *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária*:

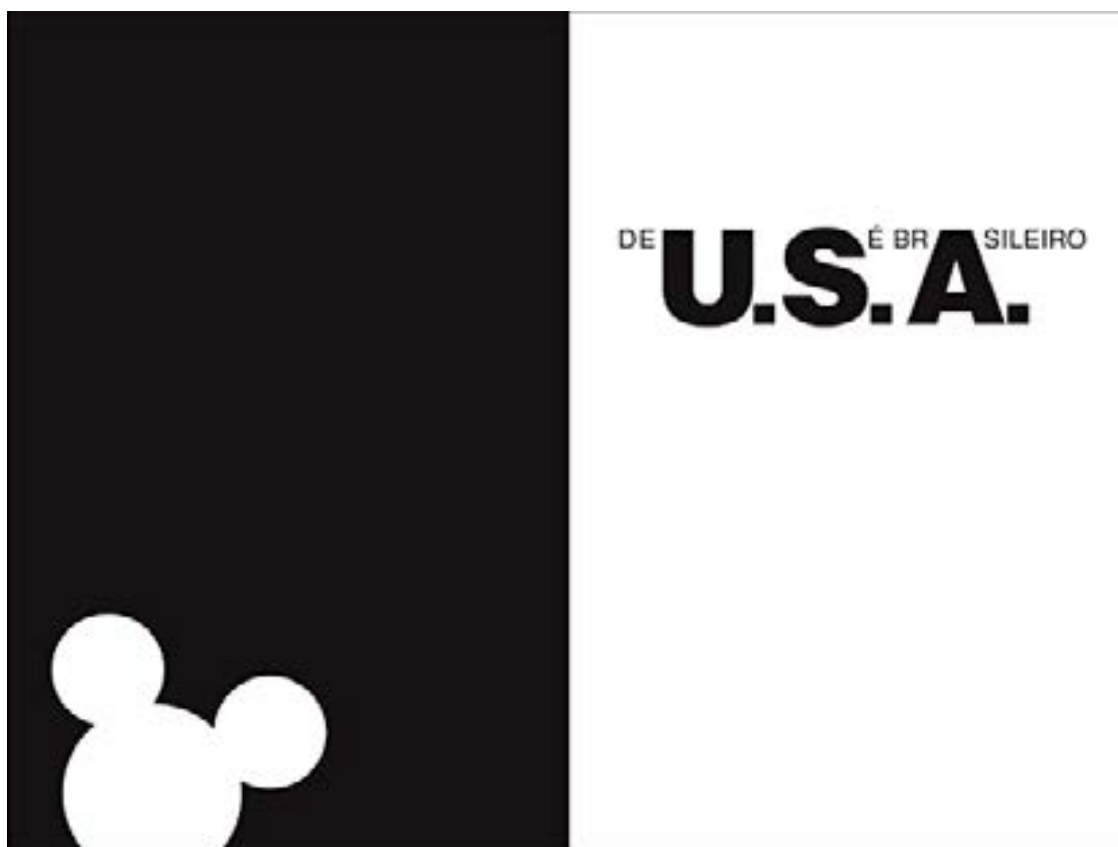
A forma artística é a forma de um conteúdo, mas inteiramente realizada no material, como que ligada a ele¹¹. Por isso a forma deve ser compreendida e estudada em duas direções: 1. a partir do interior do objeto estético puro, como forma arquitetônica, axiologicamente voltada para o conteúdo (um acontecimento possível), relativa a ele; 2. a partir do interior do todo composicional e material da obra: este é o estudo da técnica da forma. (BAKHTIN, 2010a, p. 57).

No contexto do início do século XX, quando foi escrito *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária*, as críticas de Bakhtin, neste texto, estavam dirigidas aos formalistas russos da época que, segundo ele, reduziam a ideia de forma à da técnica.

Para o pensador russo, a primeira, a forma arquitetônica, é a unificação e organização dos valores cognitivos e éticos (é a forma do conteúdo); a segunda, a forma composicional, é a que se refere à organização do material (BAKHTIN, 2010a, p. 57).

Devemos ressaltar que temos o entendimento de que tanto os gêneros literários quanto os gêneros extraliterários (ou gêneros do discurso) têm sempre natureza dialógica¹², e que, portanto, a forma (ou forma composicional ou composição) em conjunto com o conteúdo temático e com o estilo têm um cunho axiológico na constituição de um enunciado em sua relação intrínseca com o mundo ético.

Vejam, à guisa de exemplo, este enunciado que consideramos como pertencente ao gênero poesia visual:



Fonte: FREIRE (1998, não paginado).

Neste enunciado, podemos perceber o isolamento, a separação e o acabamento como funções da forma em relação ao conteúdo temático na atividade estética do autor-criador – este último considerado como “momento constitutivo da forma artística” (BAKHTIN, 2010a, p. 58)

– que trabalha estilisticamente com o material em sua significação axiológica.

Tais funções da forma (ou forma composicional) devem ser consideradas arquitetonicamente, ou seja, em sua relação com o todo significativo que é o enunciado para que não a vejamos (a forma) como pura técnica ou como algo que possa ser estudado a despeito do conteúdo temático e do estilo (do autor ou do gênero) no que se refere à produção de sentido do enunciado.

Se tratada como pura técnica composicional e material do enunciado, a forma, neste caso, teria suas funcionalidades arquitetônicas obliteradas, ficando, portanto também obliteradas nuances de sentido (ou de ressignificação) envoltas nos tons emotivos-volitivos do autor-criador que esta obra estética poderia produzir, tais como o que sugere dizer o enunciado (uma crítica bem-humorada a uma característica do brasileiro?) em um diálogo citacional com o texto-fonte composicionalmente reelaborado, o ditado popular *Deus é brasileiro*.

Vemos, neste exemplo, a recriação de um texto de outro gênero em um gênero distinto, sem que, com isso, ocorra simples reprodução mecânica e formal de palavras no texto-citação, mas sim um diálogo citacional que possibilita ao texto-fonte ser ressignificado em um novo gênero e com possibilidades de novas construções de sentido (BRAIT, 2011). Nesta perspectiva, entendemos a forma (ou a composição) como tendo um envolvimento ético (axiológico), em sua inter-relação com o tema (conteúdo) e com o estilo para a produção de sentido dos enunciados.

Forma em si, portanto, não é tudo. É preciso notar que Bakhtin se recusa a restringir a noção de forma à simples organização do material, optando por considerar a forma estética como emolduradora do conteúdo ético-cognitivo:

A forma é a expressão da relação axiológica ativa do autor-criador e do indivíduo que recebe (co-criador da forma) com o conteúdo; todos os momentos da obra, nos quais podemos sentir a nossa presença, a nossa atividade relacionada axiologicamente com o conteúdo, e que são superados na sua materialidade por essa atividade, devem ser relacionados com a forma. (BAKHTIN, 2010a, p. 59).

Nesse sentido, a análise dialógica de enunciados concretos pertencentes a quaisquer gêneros do discurso não deve se limitar à consideração, a depender do caso, de aspectos tais como o da técnica da narração, da descrição ou da argumentação, posto que tais aspectos só possuem valor axiológico se considerados na arquitetura da enunciação, em que narração, descrição ou argumentação, por exemplo, atuam na configuração formal de um conteúdo temático estilisticamente organizado num todo significativo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na década de 1980, Boris Schnaiderman já afirmava que, para Bakhtin, “os gêneros literários são apenas uma das modalidades dos gêneros do discurso” (SCHNAIDERMAN, 1983, p. 129). Tal compreensão está na base da justificativa do nosso ponto de vista sobre a possibilidade de entender que as considerações de Bakhtin sobre gêneros e enunciados em termos de criação literária são passíveis de serem tomadas como complementos teóricos do que ele diz sobre gêneros extraliterários (gêneros do discurso).

É com esse entendimento que reafirmamos ser *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária* um texto que aponta direcionamentos heurísticos para uma compreensão mais acurada, em termos de uma estética geral, dos fundamentos teóricos e filosóficos bakhtinianos (ou dialógicos) sobre os gêneros do discurso, estéticos ou extraestéticos.

Discorremos, neste artigo, sobre as noções de *conteúdo, material e forma* e suas relações com as de *tema, estilo e composição* visando, sobretudo, trazer à discussão esse ponto de vista que entendemos ser relevante às considerações/reflexões de professores, tanto da educação básica quanto da educação superior, que trabalham com ensino/aprendizagem de línguas na perspectiva da Teoria dialógica.

Procuramos, em vários momentos, destacar a ideia de não se separar tema, estilo e composição ao se tratar de gêneros discursivos, sobretudo, em atividades de ensino/aprendizagem de línguas. Os exemplos que usamos serviram para ilustrar aspectos teóricos do nosso ponto de vista, mas cada professor (atento às necessidades e realidades

de seus alunos) é quem saberá escolher os gêneros discursivos com os quais trabalhará os conteúdos das suas aulas, sem esquecer, enfim, que, em se tratando de Dialogismo, a linguagem não deve ser vista na circunscrição exclusiva da língua-sistema; deve sim ser considerada discursivamente, na interação social real (que é sempre situada ideológica, histórica e culturalmente) e com ênfase sobre a validade axiológica dos enunciados concretos.

DIALOGIC RELATIONS BETWEEN THE TEXTS *THE PROBLEM OF CONTENT, MATERIAL AND FORM IN LITERARY CREATION AND SPEECH GENRES*, BY M.M. BAKHTIN: SOME POSSIBILITIES OF APPLICATION IN LANGUAGE TEACHING

ABSTRACT

This paper deals with the dialogic relations that can be established between the texts *The problem of content, material and form in literary creation and Speech Genres*, both written by M.M. Bakhtin. The focus of our reflection is to understand that the notions of content, material and form (from the first text) are useful to understand the notions of theme, style and composition (from the second text) respectively and are relevant for teachers who work with language teaching/learning based on the theoretical perspective of Dialogism.

KEYWORDS: general aesthetics, speech genres, dialogic analysis of enunciations, didactic dialogues.

PUNTOS DE DIÁLOGO ENTRE LOS TEXTOS *EL PROBLEMA DEL CONTENIDO, DEL MATERIAL Y DE LA FORMA EN LA CREACIÓN LITERARIA Y LOS GÉNEROS DISCURSIVOS*, DE M.M. BAJTÍN: ALGUNAS POSIBILIDADES DE APLICACIÓN EN LA ENSEÑANZA DE LENGUAS

RESUMEN

Este artículo se ocupa de las relaciones dialógicas que se pueden establecer entre los textos *El problema del contenido, del material y de la forma en la creación literaria y El problema de los géneros discursivos*, ambos escritos por M.M. Bajtín. El foco de la reflexión es la comprensión de que las nociones de contenido, material y forma (del primer texto) son, respectivamente, útiles para la comprensión de las nociones del tema, estilo y composición (del segundo

texto) y relevantes para los maestros que trabajan con la enseñanza/aprendizaje de lenguas basada en la perspectiva teórica del Dialogismo.

PALABRAS-CLAVE: estética general, géneros discursivos, análisis dialógico de enunciaciones, diálogos didácticos.

4. NOTAS

- 1 Este artigo é uma produção científica vinculada ao Programa de Apoio ao Ensino de Línguas e Literaturas (PAELLI), do Departamento de Língua e Literaturas da Universidade Regional do Cariri – URCA, que é financiado pelo CNPq – Chamada/edital: Universal 14/2011 – Processo: 477677/2011-8 – e está em atuação desde 2012 com pesquisas voltadas à produção de materiais didáticos visando à dinâmica educativa viva, materializada no aperfeiçoamento das condições de aprendizagem.
- 2 Cf. BAKHTIN, 2010b, p. 92.
- 3 Cf. BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 96-99.
- 4 Cf. BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 133-134.
- 5 Cf. BAKHTIN, 2011, p. 278.
- 6 Cf. MEDVIÉDEV, 2012, p. 51-53.
- 7 Destaquemos que as críticas de Bakhtin eram dirigidas aos formalistas russos na década de 1920.
- 8 A nosso ver, houve aqui um lapso na tradução. Entendemos que deveria ser *do ato ético*. Em Bajtín (1986, p. 39), aparece “de la conducta ética”.
- 9 Que, segundo Sobral (2011, p. 39), “não se confunde com ‘assunto’”.
- 10 Denominação usada por Bakhtin (2011) e que, de certa forma, mostra a proximidade teórica das noções de conteúdo e de tema.
- 11 Destacamos que, nesta passagem, Bakhtin deixa claro que *conteúdo, material e forma* devem ser considerados conjuntamente, à semelhança do que diz Adail Sobral sobre *tema, estilo e composição*, que “só instauram sentidos, e fazem sentido, no âmbito de uma arquitetônica [...] e não como entidades autônomas” (SOBRAL, 2011, p. 42).

12 Confira-se, neste sentido, sobre as características do enunciado (ou de qualquer enunciado), o que diz Bakhtin (2011, p. 305): “o direcionamento, o endereçamento do enunciado é sua peculiaridade constitutiva sem a qual não há nem pode haver enunciado”.

5. REFERÊNCIAS

BAJTÍN, Mijaíl M. *Problemas literários y estéticos*. Havana: Editorial Arte y Literatura, 1986.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 6. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

_____. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: _____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 6. ed. Tradução Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 2010a. p. 13-70.

_____. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010b.

_____. (VOLOCHÍNOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 13. ed. Tradução M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009.

BATISTA, Jeferson. *Mafalda e os antigos problemas atuais*. Disponível em: <http://lounge.obviousmag.org/traz_mais_uma/2012/01/mafalda-e-os-antigos-problemas-atuais.html>. Acesso em: 23 mar. 2015.

BRAIT, Beth. Lições de gramática do professor Mikhail M. Bakhtin. In: BAKHTIN, M. M. *Questões de estilística no ensino da língua*. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; apresentação de Beth Brait; organização e notas da edição russa de Serguei Botcharov e Liudmila Gogotchvíli. São Paulo: Editora 34, 2013. p. 7-18.

_____. Polifonia arquitetada pela citação visual e verbo-visual. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 5, p.183-196, 1. sem. 2011.

FARACO, Carlos Alberto. O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal. In: BRAIT, Beth. (Org.) *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 95-111.

FREIRE, Marcelino. *EraOdito*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

LEITE, Francisco de Freitas. *Inscrições em latim sob uma abordagem dialógica: um estudo no contexto do Cariri cearense*. 2014. 210 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievich. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

MENDONÇA, Marina Célia; GRECCO, Natalia. Aquisição da escrita e estilo. In: DEL RÉ, Alessandra; PAULA, Luciane de; MENDONÇA, Marina Célia (Org.). *A linguagem da criança: um olhar bakhtiniano*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 49-60.

SCHNAIDERMAN, Boris. *Turbilhão e semente: ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

SOBRAL, Adail. Gêneros discursivos, posição enunciativa e dilemas da transposição didática: novas reflexões. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 37-45, jan./mar. 2011.

_____. Texto, discurso, gênero: alguns elementos teóricos e práticos. *Nonada*, Porto Alegre, v. 1, n. 15, p. 9-29, 2010.

_____. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

Submetido em 10 de abril de 2015.

Aceito em 31 de agosto de 2015.

Publicado em 23 de novembro de 2016.
